



Um fio vermelho atravessa os dez textos do pesquisador e escritor bielorrusso Evgeny Morozov reunidos nesta coletânea que conta com prefácio inédito para a edição brasileira: a crítica ao ocultamento da lógica neoliberal e da destruição do estado de bem-estar social que possibilitou a ascensão dos oligopólios do Vale do Silício e, sobretudo, ao projeto de sociedade que estas companhias e seus dirigentes advogam para o futuro da humanidade.

Os artigos cobrem quase uma década de trabalho do autor, tendo sido escritos entre 2013 e 2018. Discutem da gênese histórica destas empresas, aos efeitos sociais e políticos dos grandes oligopólios sobre as democracias, assim como sobre os processos de subjetivação contemporâneos, dialogando com temas emergentes como as Inteligências Artificiais, a desinformação e a Governança Algorítmica.

Os dois primeiros capítulos são dedicados a crítica às corporações que Morozov denomina Big Tech's - Google, Facebook, Amazon, Twitter -, grandes oligopólios digitais cujos modelos de negócios são baseados na análise intensiva de dados fornecidos pelos usuários de seus serviços.

O autor considera que enquanto a maior parte das vozes em oposição a estas companhias têm caráter ludista e conservador, a esquerda possui dificuldade em apresentar alternativas aos benefícios e ao discurso da emancipação pelo consumo ofertado pelas plataformas.

Como problema de fundo para uma crítica emancipatória da tecnologia, projeto que atravessa todo o livro, Morozov ressalta dois vetores nestes capítulos. Em primeiro lugar, as promessas libertárias da contracultura presentes na gênese do Vale do Silício ainda encobrem o caráter neoliberal hegemônico da tecnologia para grande parte dos setores progressistas.

Em segundo lugar, a influência crescente do determinismo tecnológico presente na visão de mundo do Vale do Silício oculta do debate público a economia política e simbólica por trás de sua ascensão. Neste contexto, Morozov retoma o filósofo francês Gilles Deleuze ao propor investigar os agenciamentos coletivos por trás da tecnologia digital, desnaturalizando sua aparente neutralidade.

Neste sentido, o terceiro capítulo busca destacar a articulação entre a crise financeira global de 2008 e o avanço da centralidade econômica das tecnologias e plataformas digitais. Refletindo sobre a concepção de disrupção tecnológica, o texto destaca que mais do que as inovações técnicas são as crises políticas e econômicas que permitem a desregulamentação e a precarização por trás da adoção massiva de tecnologias de vigilância invasivas, pouco transparentes e que reforçam a superexploração dos usuários.

Ao mesmo tempo, é neste capítulo que Morozov introduz pela primeira vez a crítica ao “solucionismo tecnológico”, combinação de perspectiva teórica e programa político do Vale do Silício para as contradições sociais.

Desconsiderando o papel de conflitos de interesse e disputas políticas nos rumos da sociedade, o solucionismo aposta em saídas técnicas disruptivas para cada dimensão da vida dos indivíduos e das populações. Mazelas como a desigualdade social são tomadas enquanto problemas empíricos, cuja solução depende apenas do volume de dados e algoritmos corretos a serem aplicados racionalmente.

Morozov cita, por exemplo, Hal Varian, economista-chefe do Google, para quem é apenas questão de tempo para que as Big Tech’s ofereçam às massas globais serviços hoje apenas disponíveis aos muito ricos.

O quarto e o quinto capítulo aprofundam a crítica ao “solucionismo” a partir da discussão de diversos casos específicos de tecnologias digitais adotadas por empresas, governos e seus efeitos sociais. Além de ressaltar a assimetria informacional em que os usuários estão mergulhados diante dos experimentos contínuos exercidos pelas companhias, Morozov discute o impacto da vigilância digital na própria subjetivação dos indivíduos que incorporam a lógica de otimização contínua e métricas de dados dos algoritmos, sobretudo, na sua busca por bem-estar e acesso a direitos.

A partir do caso do analista de sistemas norte-americano Edward Snowden, o sexto capítulo concentra-se no que Morozov denomina catástrofe informacional, em um paralelo com o debate da crise ambiental, realizando um breve balanço geopolítico das

consequências da revelação de quão profunda é a vigilância associada entre plataformas digitais e órgãos de inteligência estatais.

Os quatro últimos artigos, de produção mais recente, articulam mais diretamente a discussão sobre as tendências atuais das tecnologias digitais com a proposição de alternativas políticas pelo autor.

Em comum, estes trabalhos relacionam os modelos de negócios das plataformas baseados no extrativismo de dados e na mediação digital de um conjunto crescente de relações sociais com as crises políticas recentes das democracias ocidentais: do problema das *fakes news* à perspectiva do desemprego estrutural e da renda básica universal.

No capítulo final sobre as *fake news*, Morozov destaca que o principal fator por trás da disseminação massiva de desinformação é a lógica de negócios das plataformas indexadoras de conteúdo, focadas em maximizar a atenção dos consumidores para oferta publicitária e não nos compromissos historicamente assumidos por mídias que constituem a esfera pública.

Ao mesmo tempo, o autor adverte nesta parte final da obra para os riscos do que denomina consenso algorítmico, a legitimação dos algoritmos destas plataformas na mediação dos discursos sociais em função de critérios apresentados como objetivos, ampliando a naturalização da ideia de eficiência de tecnologias preditivas em nome do controle e da vigilância.

Por fim, é possível que os cidadãos reconquistem a soberania popular sobre a tecnologia? Embora o autor explicita esta motivação ao longo do conjunto dos capítulos, é apenas no penúltimo que ele esboça brevemente uma agenda de reivindicações e temas neste sentido de forma mais organizada.

O livro é uma ótima introdução a perspectiva crítica do autor que há dez anos, data do primeiro artigo, ainda era rara em meio ao debate sobre as Big Tech's e a democracia. Contudo, é preciso mencionar sua lacuna em dialogar de forma mais substancial com os crescentes processos de luta e disputa política sobre o futuro destas companhias que amadurecem propostas desde o cooperativismo de plataformas até a regulação pública por meio de leis antitruste.

Esta lacuna pode ser justificada pelo momento em que os textos foram escritos, mas igualmente pela metodologia do autor, focada na análise de discurso dos arautos do Vale do Silício: CEO's, *Think Tanks* e revistas como a estadunidense *Wired*.

Embora a crítica do programa destes atores seja fundamental para o futuro da democracia e valha a leitura da obra, é necessário ressaltar a ausência das vozes de trabalhadores de plataforma, desenvolvedores e pesquisadores que de Mountain View (Estados Unidos) à Shenzhen (China) renovam a imaginação política no coração da produção dos dados.

### Referência

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018, 192p